

## Artigos Originais

### REFLEXÕES SOBRE A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA ABORDAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO<sup>1</sup>

#### Original Articles

### REFLECTIONS ON SEXUALITY DURING ADOLESCENCE: AN APPROACH IN TIMES OF PANDEMIC TO HIGH SCHOOL STUDENTS

Ingrid Íris Pereira\*

[inngrid\\_iriis@hotmail.com](mailto:inngrid_iriis@hotmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/9909953310563145>

<https://orcid.org/0000-0001-9513-9512>

Luana Precioso Alvarenga\*\*

[luanaprecioso91@gmail.com](mailto:luanaprecioso91@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/0665032882621036>

<https://orcid.org/0000-0002-3741-0930>

Raul Aragão Martins\*\*\*

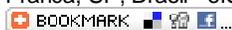
[raul.martins@unesp.br](mailto:raul.martins@unesp.br)

<http://lattes.cnpq.br/8498347239701559>

<https://orcid.org/0000-0001-6495-731X>



**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217  
- está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)



<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado por Ingrid Íris Pereira e Luana Precioso Alvarenga, com Orientação do Prof. Dr. Raul Aragão Martins, para obtenção do título de Licenciadas em Ciências Biológicas (2022), pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto/SP.

\* Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP IBILCE, câmpus São José do Rio Preto. Atuou como bolsista PIBIC e realizou Estágio Curricular Supervisionado na E.E. Deputado Bady Bassit.

\*\* Graduada em Ciências Biológicas na modalidade Licenciatura pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", câmpus São José do Rio Preto. Realizou Estágio Curricular Supervisionado na E.E. Deputado Bady Bassit em Rio Preto e atuou como residente bolsista no programa de Residência Pedagógica na E. E. Professor Octacílio Alves de Almeida. Desde 2018, é membra da Comissão Organizadora do Congresso Paulista de Ciências Biológicas - IBILCE.

\*\*\* Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL) (Câmpus de Lorena) (1977), Mestre (1986) e Doutor (1991) em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas - RJ. Livre-Docente em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2006). Atualmente é professor associado do Dept. Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista - IBILCE/UNESP (Câmpus de São José do Rio Preto). Credenciado como orientador e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP (Câmpus de Marília).

## RESUMO

A sexualidade, em seu sentido mais complexo, é a força motora que impulsiona os comportamentos humanos. No Brasil, as primeiras discussões sobre a inclusão da Educação Sexual nas escolas tiveram início na década de 1920. Desde então, o assunto sempre foi tratado com base em aspectos biologizantes e higienistas. Pensando em ampliar o debate sobre sexualidade na sala de aula, o presente trabalho tem como principal objetivo, oferecer aos alunos de Ensino Médio, informações saudáveis e confiáveis sobre diversas questões que envolvem a sexualidade. Através do Estágio Curricular Supervisionado, as estagiárias puderam observar a dinâmica das aulas de biologia, conhecer novas metodologias de ensino, aplicar formulários, ministrar aulas, desenvolver atividades práticas e produzir materiais didáticos. Em decorrência da pandemia da COVID-19, todo o trabalho foi pensado e adaptado a fim de contornar os desafios do momento atual. A análise dos resultados foi feita por meio da categorização das respostas aos formulários, em gráficos de pizza e coluna. Apesar de manifestarem conhecimento em diversos assuntos sobre a temática, as concepções dos alunos ainda são muito pautadas em noções simplistas e conservadoras. A partir do estudo dos dados e da participação dos alunos nas aulas, concluiu-se que as atividades desenvolvidas foram importantes tanto para a formação individual e profissional das estagiárias, quanto para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos sobre questões que envolvem a sexualidade.

**Palavras-chave:** reflexões sobre sexualidade. sexualidade. ensino médio. adolescência. pandemia.

## ABSTRACT

Sexuality, in its most complex sense, is the driving force that drives human behaviors. In Brazil, the first discussions on the inclusion of Sexual Education in schools started in the 1920s. Since then, this subject was always treated based on biological and hygienist aspects. Thinking about broadening the sexuality debate in the classroom, the present work aims to provide to High School students healthy and reliable information about several issues involving sexuality. Throughout the Supervised Curricular Internship, the interns could watch the dynamics of biology classes, meet new teaching methodologies, apply forms, teach classes, develop practical activities and produce educational material. Due to COVID-19 pandemic, the entire work was planned and adapted in order to overcome challenges imposed by the current scenario. The analysis of the results was performed by categorizing the responses to the forms, in pie and column charts. Despite expressing knowledge about the subject, the students' conceptions are still very set on simplistic and conservative notions. From the study of data and the students' participation in classes, it was concluded that the activities developed were important as much for the individual and professional development of the interns as the development of students' critical sense about the issues involving sexuality.

**Keywords:** reflections on sexuality. sexuality. high school. adolescence. pandemic.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, as primeiras discussões sobre a inclusão da Educação Sexual no currículo escolar tiveram início na década de 1920, com um enfoque nos aspectos biológicos e higienistas daquele período. Ao redor dos anos 1960, um ar de “renovação pedagógica” dominou a atmosfera brasileira, e os debates sobre a sexualidade foram fortalecidos pelos movimentos feministas, gays e lésbicos emergentes. Entretanto, todas essas novidades pedagógicas foram sufocadas pela Ditadura Militar que foi implantada em 1964. As iniciativas a favor da inserção obrigatória da Educação em sexualidade no currículo escolar que conseguiram “sobreviver” tornaram-se marcos na luta pela redemocratização do país. Com isso, a escola passou a ser um lugar de resistência e a Educação Sexual uma promessa de libertação da diversidade corporal (CÉSAR, 2009, p. 39-41).

Em contrapartida, a década de 1980 foi marcada por um conjunto de mudanças sociais induzidas pela instituição do processo democrático no Brasil, tendo a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), como o marco simbólico que proporcionou uma percepção ampliada de cidadania no país. Nesse cenário estendido de conquista de direitos, houve a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990 (BRASIL, 1990), garantindo por meio de leis a proteção de pessoas menores de 18 anos que vivem no país, também foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). No entanto, o discurso acerca da Educação em sexualidade desse período ainda possuía um caráter exclusivamente biologizante e higienista, devido ao medo que tomava conta do mundo naquela época, a epidemia do HIV/AIDS. A maior preocupação das instituições escolares era fornecer informações confiáveis sobre o “sexo seguro” aliado à prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), em especial o HIV/AIDS, e da gravidez não planejada na adolescência (CÉSAR, 2009, p. 42).

Em meio a toda essas mudanças políticas-educacionais, em 1997, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que englobam

os Temas Transversais. Dessa forma, questões de Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual começaram a fazer parte da escolarização nacional (BRASIL, 1997, p. 15). A demanda pela Educação em sexualidade nas escolas também derivou da dificuldade das famílias em dialogar abertamente e com propriedade sobre essa temática dentro de casa (BRASIL, 1998, p. 77).

No documento, a sexualidade é tida como uma parte inerente do indivíduo, “[...] que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte.” (BRASIL, 1998, p. 81). No entanto, segundo Guacira Louro (2018, p. 11) a sexualidade é uma construção social desenvolvida ao longo de toda a vida, de várias formas e por todos os sujeitos, de tal modo que as transformações que ocorrem na sociedade instituem novas formas de ser e viver.

Infelizmente, nos dias atuais, a maioria dos programas nesta área não aderem essa concepção político-social ao redor da sexualidade. O entendimento da sexualidade deve permitir ao indivíduo posicionamentos conscientes em todos os espaços de socialização (UNESCO, 2014, p. 11), bem como a consciência de que a existência individual é tão importante quanto à do outro. Através de discussões abertas e sinceras, pretende-se desenvolver uma abordagem em sexualidade que vai além de tratar o bem-estar físico e a potencialidade reprodutiva do corpo biológico, relacionando-se também à psique do corpo social e à saúde coletiva.

O corpo é o centro de todas as discussões. Onde houver corpo, haverá sexualidade. Segundo o sociólogo Jeffrey Weeks (2018, p. 65):

[...] a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos) e com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas, porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades.

Do ponto de vista social, o corpo não é apenas uma matéria ocupando lugar no espaço. Segundo a UNESCO (2014, p. 45), “[...] o corpo é o instrumento que o indivíduo tem para se relacionar com os outros no mundo e consigo mesmo, o corpo é o lugar da vivência da sexualidade.” Dessa forma, a

sexualidade não se limita somente às possibilidades do corpo físico, relaciona-se também às fantasias, curiosidades e experiências socialmente vividas (WEEKS, 2018, p. 46). Considerando que a sociedade e os corpos estão em constante transformação, as identidades não são releituras diretas do corpo, mas sim construções instáveis e plurais interpeladas por diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais (LOURO, 2018, p. 13).

Segundo Louro (2018, p. 17), "[...] aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam." Partindo disso, a sociedade institui padrões físicos corporais e atribui rótulos às identidades, a fim de enquadrar de forma estereotipada as pessoas em determinados grupos. Os indivíduos que fogem a essa norma são marginalizados e discriminados de maneira sutil ou violenta (LOURO, 2018, p. 18).

Todas as formas de violência são reproduzidas nos mais diversos ambientes, como nas próprias instituições de ensino e nas mídias sociais. Segundo Louro (1997, p. 58), a escola sempre delimitou espaços e separou os sujeitos por meio de diferentes mecanismos de classificação e hierarquização. Nela, existe o lugar "certo" dos grandes e dos pequenos, dos meninos e das meninas (LOURO, 1997). A escola não só reflete os estigmas presentes na sociedade, como também os reproduz dentro da própria sala de aula.

Com o avanço da tecnologia e o advento das redes sociais, realidades alternativas foram criadas e novas formas de relacionamentos interpessoais foram surgindo. Em contrapartida, a privacidade e a autonomia sobre o próprio corpo foram sendo perdidas. Ao mesmo tempo em que os ambientes virtuais são acolhedores e repleto de oportunidades, servem de palco para discursos de ódio e violência psicológica e/ou moral contra os próprios usuários.

Nem sempre o agressor estabelece uma relação direta com o corpo atingido, como é o caso da indústria pornográfica. Segundo a neurocientista Rachel Anne Barr (2019), a saúde mental e a vida sexual de muitos indivíduos são diretamente afetadas pela indústria pornográfica. Os materiais audiovisuais pornográficos são considerados fortes estímulos para a plasticidade cerebral –

a capacidade dos neurônios de se reestruturarem ao viver uma experiência nova (BARR, 2019).

Com o passar do tempo, seus usuários começam a desenvolver certa tolerância aos conteúdos, um efeito análogo ao uso de substâncias viciantes. Inicia-se, então, uma busca incansável por vídeos com temáticas extremas, como incesto, estupro, e diversas outras formas de violência. Essa naturalização da violência sexual pode se tornar um gatilho para comportamentos violentos na vida "fora das telas" (BARR, 2019).

A sexualidade constitui o cerne de cada corpo em construção. Portanto, a alta exposição dos adolescentes a conteúdos midiáticos violentos e deturpados está se tornando cada vez mais nociva à saúde mental e física desses jovens, o que foi agravado na pandemia. Conforme expõe Carrano (2011, p. 205) citado por Dias (2013, p. 6474), a escola deveria "[...] educar para o desenvolvimento de novas formas de olhar baseadas na capacidade da interpretação – e também de destruição simbólica – dos signos produzidos pelos diferentes centros e condicionamento das subjetividades." É dever das instituições escolares e seus educadores, perceber as juventudes e satisfazer suas curiosidades através de informações confiáveis e saudáveis. Enquanto indivíduo social, a prática mais urgente para que isso se torne uma realidade é desconfiar do que é considerado "natural" e "imutável". Na escola, é preciso questionar não apenas o que é ensinado, mas a forma como se ensina, a linguagem deve ser livre de todo e qualquer tipo de discriminação (LOURO, 1997, p. 63-64).

Para contemplar o universo da sexualidade e desconstruir uma visão distorcida, o presente trabalho aborda o indivíduo em sua completude biológica, psíquica e social. O projeto se baseou em uma sequência lógica e interdisciplinar de conteúdos científicos que exploram diversas questões sobre o corpo humano. Todos os conhecimentos foram transmitidos para alunos do Ensino Médio por meio de diálogos horizontais e saudáveis. "A sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade. Sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender." (BRITZMAN, 2018, p. 112-113).

## **OBJETIVO**

O trabalho desenvolvido no estágio teve como principal objetivo abordar a temática de Educação Sexual com alunos do Ensino Médio, promovendo o acesso a informações científicas e confiáveis, de modo a contribuir com a construção de mentes entusiastas e indagadoras acerca da temática de sexualidade.

## **CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR E DO PÚBLICO-ALVO**

O estágio foi realizado durante o ano letivo de 2021, na Escola Estadual Deputado Bady Bassit localizada na cidade de São José do Rio Preto. Quanto ao público-alvo, todas as atividades propostas no projeto de estágio foram pensadas e desenvolvidas para todas as etapas do Ensino Médio. Os alunos eram divididos em oito turmas diferentes, de acordo com o grau de escolaridade, totalizando 214 alunos. Devido à pandemia da COVID-19, a maior parte do estágio não se desenrolou no espaço físico da instituição escolar, mas sim pelo *Google Meet* e pelo *WhatsApp*. O projeto possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE).

## **ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

### **Período de observação das aulas e reforço escolar**

Durante o primeiro semestre do ano letivo de 2021, foram assistidas aulas de biologia de todas as turmas do Ensino Médio. Além disso, as estagiárias observaram algumas aulas de Orientação de Estudos, assim como participaram de Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC). Todas pelo *Google Meet*. Paralelo à observação da disciplina, ocorreram aulas de reforço escolar de Biologia, que puderam ser ministradas pelas estagiárias na modalidade remota, uma vez por semana. Para isso, foram preparadas listas

de exercícios de vestibular e realizadas discussões sobre temas socialmente relevantes, curiosidades científicas e vivência universitária.

### **Período de regência das atividades elaboradas**

Após a fase de acompanhamento das aulas e aplicação do reforço escolar, houve um intervalo para o preparo das aulas que estavam previstas no plano de estágio e o envio do formulário criado no *Google Forms*, via *WhatsApp*. O questionário tinha o intuito de apresentar o projeto aos alunos e recolher informações sobre seus conhecimentos prévios e expectativas quanto às aulas de Educação Sexual. Nesse período, também foi criado um grupo no *WhatsApp* exclusivo para o projeto de “Educação Sexual”. Após esse espaço de tempo, iniciou-se no segundo semestre, o período de regência, cujo processo cumpriu-se em dois ciclos simultâneos, um virtual e outro presencial.

### **Modalidade virtual**

Na modalidade virtual, foram ministradas cinco aulas síncronas de aproximadamente uma hora, através do *Google Meet*. O link de acesso à sala era enviado aos alunos em todos os grupos de *WhatsApp*. Também foi feita a busca ativa com a criação de listas de transmissões voltadas à divulgação das aulas. Mas infelizmente, a frequência era muito baixa – a média era de aproximadamente cinco alunos por aula. Mesmo assim, todas as aulas foram lecionadas em sua totalidade. Ao final de toda aula, os alunos recebiam pelo *chat*, o formulário com breves questões sobre os assuntos abordados. Todas as aulas foram gravadas e disponibilizadas em uma pasta criada no *Google Drive*, com acesso livre à visualização concedido aos alunos da escola.

A seguir, encontram-se as descrições das aulas.

#### ***Aula 1 – “Você conhece o corpo?”***

Antes de dar início ao conteúdo, houve uma breve apresentação das estagiárias e do propósito do programa.

Nesse primeiro encontro, a discussão foi centrada no corpo. A princípio,

os alunos foram questionados sobre a diferença entre o corpo biológico e o corpo social. Após a indagação, foram apresentados os conceitos de corpo biológico e corpo social. A partir do entendimento de que o corpo é a “morada” da sexualidade, definiu-se o conceito de sexualidade. Trazendo a discussão para os dias atuais, estabeleceu-se a relação do corpo com as mídias sociais, introduzindo a questão dos padrões corporais socialmente construídos em um sistema capitalista. A parte teórica se encerrou com a reflexão de que os corpos são diversos e os padrões corporais irrealistas.

A atividade prática dessa aula consistiu na análise de imagens de propagandas e publicações polêmicas, com a intenção de identificar os estereótipos, padrões de beleza e discriminações.

### ***Aula 2 – “A (des)construção das identidades sociais”***

O debate girou em torno da construção do sujeito na sociedade. Em um primeiro momento, perguntou-se aos alunos se eles sabiam qual era o primeiro ato jurídico realizado após seu nascimento. A partir disso, foi introduzido o “sexo biológico” e a divisão de macho, fêmea e intersexo. Dando continuidade à discussão, foi abordado o conceito de “identidade de gênero”. Nesse momento, também foi levantada a história por trás do termo travesti. Ainda na perspectiva de gênero, foi debatida a questão da “expressão de gênero”. O último recorte apresentado foi o da “orientação sexual”. Também foram apresentados alguns comportamentos homoafetivos e bifetivos no Reino Animal. É importante ressaltar que, a cada passagem, eram explicadas as diferenças entre cada um desses atributos do indivíduo, deixando explícito o significado biológico e social de cada um deles.

A interseccionalidade foi apresentada como forma de finalizar a discussão, a partir da visão de que um único sujeito é atravessado por diversos marcadores sociais. Dependendo das categorias em que esse indivíduo se encontra, ele é mais vulnerável a sofrer discriminações, preconceitos e outros tipos de violência. A intenção era que os estudantes reconhecessem que o processo de identificação é complexo e pode durar anos, mas todas as identidades são válidas e dignas de respeito.

A atividade prática dessa aula consistiu na apresentação de personagens famosos de filmes e animações, que fogem da heterocisnormatividade, evidenciando a importância da representatividade no processo de inclusão social.

### ***Aula 3 – “Explorando o corpo humano”***

Questionando o modo como os livros de Biologia e Ciências apresentam o corpo humano, as diferenças entre os corpos foram apresentadas com base, exclusivamente em características físicas, evitando termos de gênero. Por entender que a vivência humana vai muito além da reprodução e da propagação da espécie, os sistemas genitais não foram trabalhados com foco somente em sua função reprodutiva. Para isso, foi demonstrada a anatomia das genitálias de pessoas com vagina, de pessoas com pênis e as variações do aparelho genital intersexo.

Com base no que foi exibido, os estudantes foram questionados se a vagina e o pênis seriam elementos determinantes no gênero de uma pessoa ou não. Entendendo que essa premissa é falsa, a discussão voltou-se à despatologização de corpos intersexo e transexuais, contrastando a perspectiva médica com a dos movimentos sociais e entidades éticas. Seguindo a linha de raciocínio, a discussão percorreu o processo de transexualização, com foco no princípio de que nenhuma modificação corporal é capaz de determinar o gênero de uma pessoa.

O diálogo teórico findou com a desconstrução da ideia enraizada da oposição binária “masculino x feminino”. Os alunos foram levados a questionar tudo aquilo que é considerado “natural” e “imutável”.

A atividade prática dessa aula tratou-se na exibição do vídeo “Confissões: o dia em que descobri que era intersexual” pelo *YouTube*, para refletir sobre as questões apresentadas durante a aula.

### ***Aula 4 – “O prazer é impuro?”***

O ponto central da aula girou em torno do fato de que através do sexo, uma pessoa entra em contato direto com o corpo de outra pessoa, e as

consequências desse ato podem não ser as melhores, quando feito sem segurança. A primeira consequência estudada foram as principais infecções sexualmente transmissíveis (IST's). Nesse contexto, foram apresentadas as formas de contração e não contração de uma IST, além da importância da prevenção combinada.

A segunda consequência colocada em pauta foi a gravidez não planejada, incorporando o fato de que homens trans que possuem útero podem gestar e mulheres trans que possuem testículos podem engravidar pessoas com útero, logo, pessoas trans também devem se proteger.

Após toda a discussão, foi questionado aos alunos se era possível sentir prazer sem sentir medo. Reconhecendo a possibilidade do sexo seguro, foi demonstrado o uso correto dos preservativos interno e externo, juntamente com os cuidados básicos necessários com o preservativo. Além disso, foi mostrada a variedade de métodos contraceptivos para pessoas com útero. A todo momento, foi enfatizado que a camisinha é o único método que protege contra as IST's e a gravidez não planejada, tornando-se indispensável nas relações sexuais. Na finalização da aula, houve uma conversa para desmistificar o sexo, o orgasmo e a masturbação, práticas naturais e saudáveis.

A atividade prática aconteceu em cima dos métodos contraceptivos. Várias imagens sem identificação foram exibidas aos alunos para que eles tentassem adivinhar qual método estava sendo ilustrado. Com o decorrer da atividade, também foram levantadas questões sobre a falta de métodos contraceptivos destinados a pessoas com testículos no mercado farmacêutico.

### ***Aula 5 – “Os limites que não devem ser ultrapassados”***

A forma de classificação dos sujeitos e as violências resultantes desse sistema embasaram as problemáticas dessa última aula. A princípio, discutiu-se a maneira como as pessoas são enquadradas de acordo com seus comportamentos, mostrando que aquelas que fogem à regra social são brutalmente violentadas. A percepção de que a violência não se restringe à agressão física também foi demonstrada aos alunos, por meio de um quadro

com os tipos de violência.

Seguindo o debate, revelou-se aos estudantes o fato de que essas discriminações estão presentes em todos os ambientes, incluindo a escola e as redes sociais. Nesse sentido, foi transmitido que nem sempre o agressor estabelece uma relação direta com o corpo abusado, como é o caso da indústria pornográfica.

Para concluir, ressaltou-se a importância do autoconhecimento para estabelecer os limites sobre o próprio corpo e construir de relações saudáveis. Quando há conhecimento sobre o próprio corpo, há também aptidão ao respeito à diversidade e às distintas formas de existir no mundo. Essa foi a principal mensagem ensinada na última aula, que foi construída ao longo de todas as outras.

A última atividade prática consistiu na transmissão de duas músicas sobre a temática: “180 – Alok, DJ Victor, MC Hariel, MC Marks, MC Davi, MC Leozinho ZS e MC Dricka (GR6 Explode)” e “Body - Jordan Suaste”.

Ao final desse ciclo, os nomes dos alunos que participaram das atividades foram enviados à professora para que ela atribísse algum valor extra na nota final.

### **Modalidade presencial**

Na modalidade presencial, foram ministradas duas aulas seguidas de 45 minutos para todas as turmas da 2ª série. As turmas da 2ª série estavam divididas em seis grupos com aproximadamente seis alunos cada, resultando em um total de seis aulas duplas de 1 hora e 30 minutos.

A aula dupla presencial correspondeu a um resumo das cinco aulas desenvolvidas no modo *online*, com ênfase nas informações mais cruciais. Com exceção da última, todas as atividades práticas foram preservadas, acrescidas ainda de uma demonstração com modelos didáticos (Figura 1) do modo correto de usar os preservativos interno e externo (Figura 2), obtidos em um posto de saúde.

**Figura 1:** Modelos didáticos de uma vagina e um pênis, respectivamente



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Precioso Alvarenga

**Figura 2:** Preservativos interno e externo, respectivamente



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

### **Período de produção do material didático**

Após o encerramento do período de regência, deu-se abertura à criação do material didático. A principal intenção foi reunir todos os conhecimentos transmitidos no decorrer das aulas em um único documento, tornando acessível a busca por informações confiáveis sobre sexualidade, quando necessário. Para isso, foi produzido um escrito semelhante a um livro, no formato “*newsletters*” pelo *Canva*, contendo todos os conteúdos lecionados separados em cinco tópicos referentes aos temas de cada aula. Ao final também foram colocadas todas as referências para que o aluno saiba onde

procurar mais informações científicas sobre a temática.

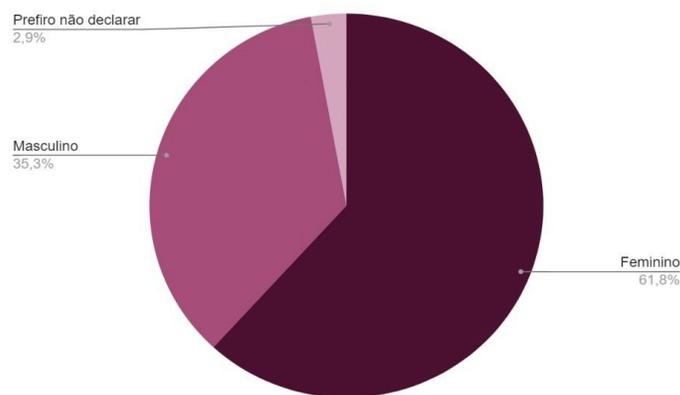
Além de disponibilizar o material em formato pdf na pasta do *Google Drive*, um link do *Canva*, que permite sua visualização foi compartilhado na lista de transmissão e em todos os grupos do *WhatsApp*. A fim de receber um retorno dos envolvidos, um formulário de avaliação foi enviado depois do encaminhamento do material. Link do [material didático](#) (clique em “material didático” para ser direcionado ao conteúdo).

## RESULTADOS

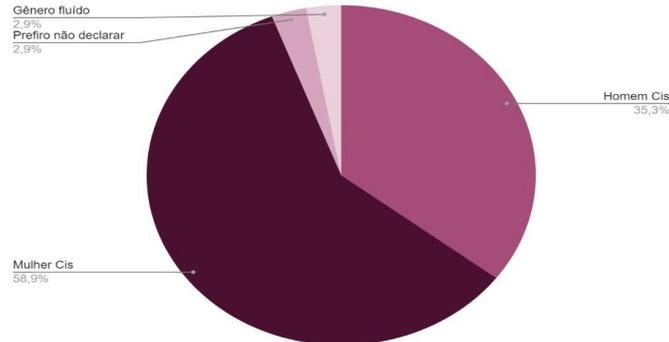
### Análise do formulário de conhecimentos prévios

O formulário de conhecimentos prévios foi respondido por 34 alunos de um total de 214. A partir da análise das respostas, foi possível observar que a maioria dos alunos eram do sexo feminino (61,8%), seguido pelo sexo masculino (35,3%). Uma pessoa preferiu não declarar seu sexo biológico (2,9%) e nenhum aluno era intersexo (Gráfico 1). Quando questionados sobre o gênero, todos que declararam ser do sexo masculino eram homens cisgênero (35,5%), ao passo que o número de pessoas do sexo feminino não foi o mesmo, sendo 58,8% mulheres cisgênero e 2,9% preferiu não declarar. A pessoa que preferiu não declarar seu sexo biológico se identificou como gênero fluido (2,9%) (Gráfico 2).

**Gráfico 1: Qual seu sexo biológico?**

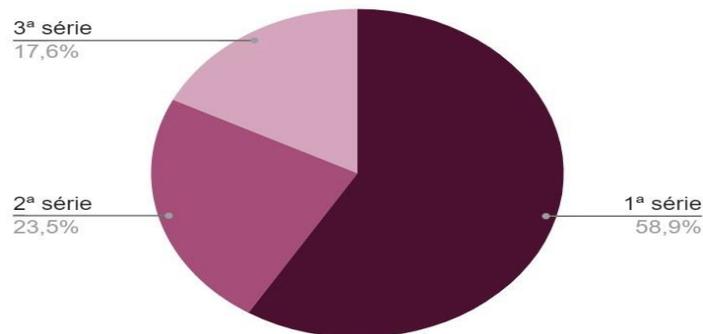


**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

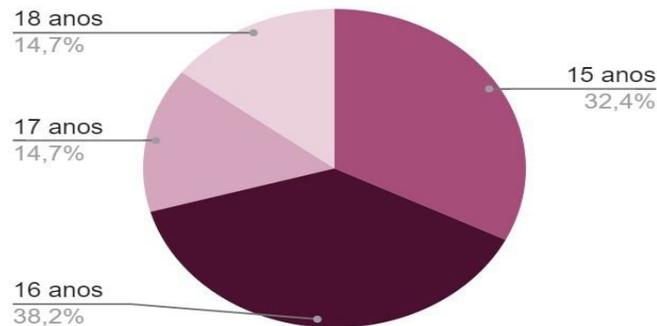
**Gráfico 2: Qual seu gênero?**

**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

A maior parte dos alunos eram da 1ª série com 58,8%, seguida pela 2ª série com 23,5% e 3ª série com 17,6% (Gráfico 3). As idades predominantes variaram entre 15 e 16 anos, com 32,4% e 38,2%, respectivamente. A porcentagem de alunos com 17 e 18 anos foi a mesma, de 14,7% (Gráfico 4).

**Gráfico 3: Qual sua série do Ensino Médio?**

**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

**Gráfico 4: Qual sua idade?**

**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Para a análise das questões discursivas, as respostas foram agrupadas em categorias qualitativas. As respostas à primeira pergunta “Para você, o que é um corpo?” foram divididas em seis categorias: 1. *Concepção biológica*; 2. *Concepção social*; 3. *Concepção filosófica*; 4. *Concepção antropocêntrica*; 5. *Não soube responder* (Gráfico 5).

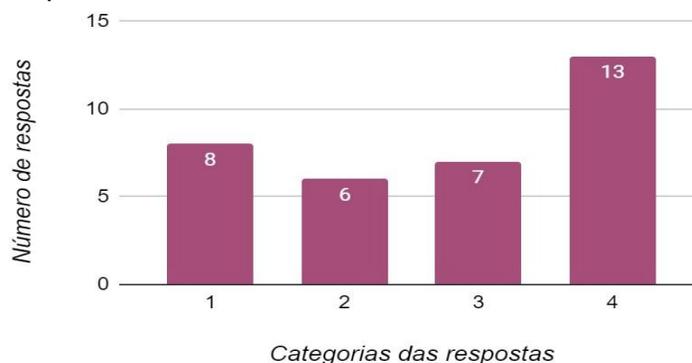


**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

A maioria dos alunos (16) definiu o corpo partindo da concepção biológica difundida pelos livros de Ciências e Biologia, que associam o corpo a uma estrutura física formada por um conjunto de órgãos, compreendendo suas funções fisiológicas. Exemplos de respostas são: “*Uma estrutura, seja de humano, ou de animal*” e “*Amontoado de células*”. Contrapondo essa ideia, alguns alunos (4) apresentaram uma concepção antropocêntrica, relacionando o corpo apenas ao humano, como demonstra as seguintes respostas: “*Humano*”, “*O que nos sustenta, nosso bem mais precioso*”. Seguindo uma linha de raciocínio semelhante a essa, alguns alunos (3) atribuíram ao corpo, um significado filosófico, associando-o a sentimentos e crenças, como por exemplo: “*Uma área de paz e respeito*”, “*Pra mim o corpo é a base de tudo*”. Somente três alunos exibiram uma percepção social do corpo, como algo além do orgânico, um instrumento de interação com outras pessoas e o mundo ao seu redor. A título de exemplo: “*É a nossa forma física, com ele que conseguimos interagir com o mundo*”. Um número significativo de estudantes (8) não souberam responder a questão.

Os resultados da pergunta “O que você entende por ‘intersexualidade’? Como você descreveria uma pessoa intersexo?” foram reunidos em quatro categorias: 1. *Concepção não-binária*; 2. *Concepção simplista*; 3. *Confundi com orientação sexual e/ou identidade de gênero*; 4. *Não soube responder* (Gráfico 6).

**Gráfico 6:** O que você entende por "intersexualidade"? Como você descreveria uma pessoa intersexo?

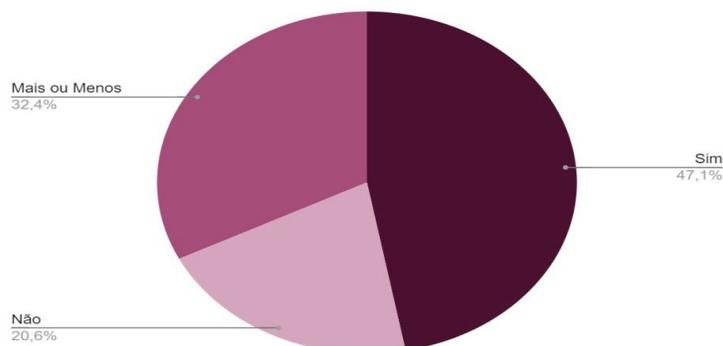


**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Um grande número de alunos (13) não soube responder a esse questionamento. No entanto, boa parte (8) apresentou uma visão não-binária sobre a intersexualidade, através da qual os indivíduos intersexo não se enquadram no binarismo “feminino ou masculino” determinado pela sociedade. Um exemplo de resposta é: *“Pessoas que não se encaixam nas noções típicas de sexo feminino ou sexo masculino”*. Sete alunos confundiram a intersexualidade com questões de orientação sexual e gênero, como: *“Uma pessoa que gosta de pessoas independente do gênero.”* Seis alunos definiram a intersexualidade de maneira simplista e estereotipada, como: *“Uma pessoa que nasceu com um pênis e uma vagina”*.

Quando questionados se sabiam a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, quase metade dos alunos (47,1%) responderam positivo à pergunta, enquanto 20,6% responderam de forma negativa e 32,4% selecionaram a opção “mais ou menos” (Gráfico 7).

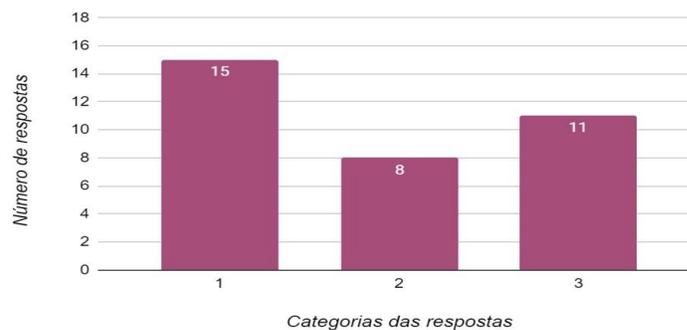
**Gráfico 7:** Você sabe a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

As respostas seguintes à pergunta “Na sua visão, qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?” foram separadas em três categorias: 1. *Diferença bem definida*; 2. *Diferença parcialmente definida e confusão de termos*; 3. *Não soube responder* (Gráfico 8).

**Gráfico 8:** Na sua visão, qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Grande parte dos alunos (15) reconheceram a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, como em: “*Identidade de gênero é o q vc é, em qual gênero vc se identifica, orientação sexual é a por quem vc sente atração/se apaixonar*”. Por outro lado, oito definiram de forma parcial a diferença entre os termos, ou confundiram os significados, como o caso a seguir: “*Identidade de gênero é aquele que se considera homem ou trans, orientação sexual é pra orientar sobre usar preservativo*”. Um número significativo de

estudantes (11) não souberam responder à pergunta.

Os resultados da pergunta “Na sua opinião, o que é sexo?” foram agrupados em oito categorias: 1. *Concepção de contato físico*; 2. *Concepção de prazer*; 3. *Concepção de “sexo biológico”*; 4. *Concepção de reprodução e instinto*; 5. *Concepção de afeto*; 6. *Concepção religiosa*; 7. *Resposta que se encaixa em mais de uma categoria*; 8. *Não soube responder* (Gráfico 9).



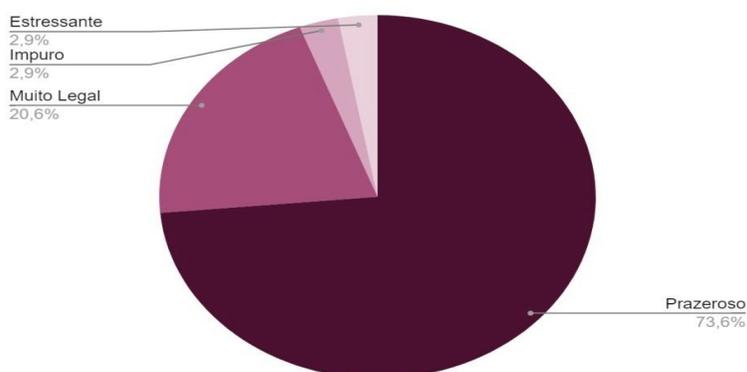
**Fonte:** Elaborado por Ingrid Iris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Sete alunos associaram o sexo diretamente com a vivência do prazer, como no caso: “*Qualquer atividade que possa atribuir prazer para uma pessoa*”. Cinco definiram o ato como sendo o contato físico entre pessoas ou genitais, um dos exemplos é: “*Relação entre uma mulher e um homem*” e “*Contato com outras genitais*”. Seguindo uma linha de raciocínio semelhante, cinco estudantes trataram o sexo a partir de uma concepção reprodutiva e de instinto humano, como mostram as respostas: “*O ato q a mulher e o homem fazem pra ter filho*” e “*Instinto humano*”. Quatro deles atribuíram ao ato um significado de afeto, como em “*Quando duas pessoas que se amam e se respeitam estão pronto para parti para tal ato*”. Apenas uma pessoa confundiu o ato sexual com a categoria de “sexo biológico”, segue a resposta: “*Biologicamente como vc nasce. Como feminino ou masculino*”. Um aluno também apresenta uma concepção religiosa sobre o sexo, definindo-o como: “*Um ato prazeroso oferecidos pelos deus mitológico desde do jardim do edem por Adão e eva, o errado é sempre mais gostoso ja vem de experiência da eva*”. A maioria das respostas (9) se encaixaram em mais de uma categoria,

como em: “É o ato de reproduzir e sentir prazer”, e apenas duas pessoas não souberam responder.

Quando questionados sobre como eles enxergam o sexo, foram apresentadas as categorias: *prazeroso, muito legal, impuro ou estressante*. A maior parte dos alunos (73,5%) consideram o sexo como um ato “prazeroso”, seguido daqueles que acham o sexo “muito legal” (20,6%). Somente uma pessoa (2,9%) em cada categoria enxerga o sexo como algo “estressante” e “impuro” (Gráfico 10).

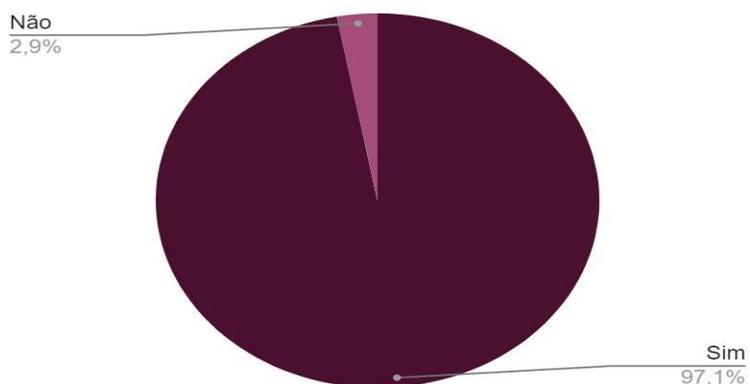
**Gráfico 10:** Você enxerga o sexo como uma ato?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Os alunos foram indagados se sabiam o que são as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's). Quase todos (97,1%) responderam de forma positiva e apenas um (2,9%) de forma negativa (Gráfico 11).

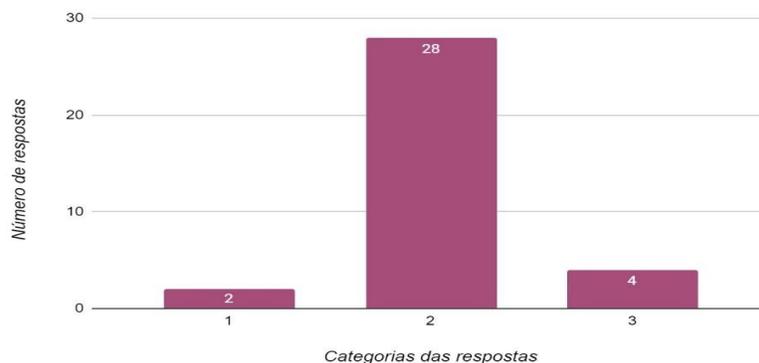
**Gráfico 11:** Você sabe o que são IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis)?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

As respostas à pergunta “Você conhece os métodos contraceptivos? Se sim, quais? foram separadas em três categorias: 1. Citou apenas um método; 2. Citou mais de um método; 3. Não soube responder (Gráfico 12).

**Gráfico 12:** Você conhece os métodos contraceptivos? Se sim, quais?

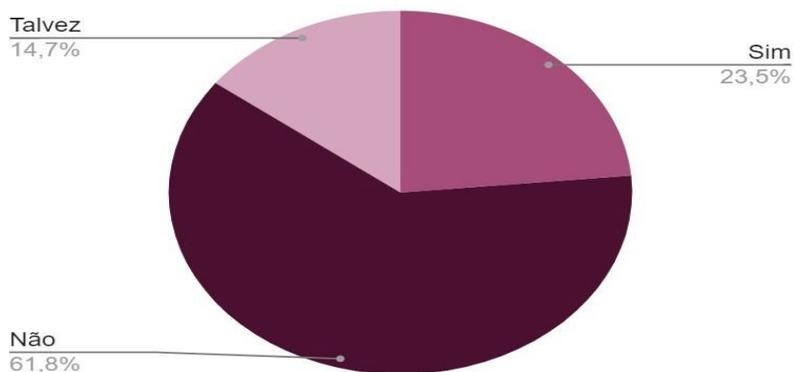


**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

A maioria dos alunos (28) citou mais de um método contraceptivo, enquanto dois citaram apenas um método e quatro não souberam responder.

Nesse sentido, também foi perguntado se eles acham que todos os métodos contraceptivos que previnem a gravidez não planejada também combatem as IST's. Mais da metade dos alunos (61,8%) não acreditam nessa afirmação, enquanto 23,5% ainda acreditam nessa falsa concepção, e 14,7% responderam “talvez” (Gráfico 13).

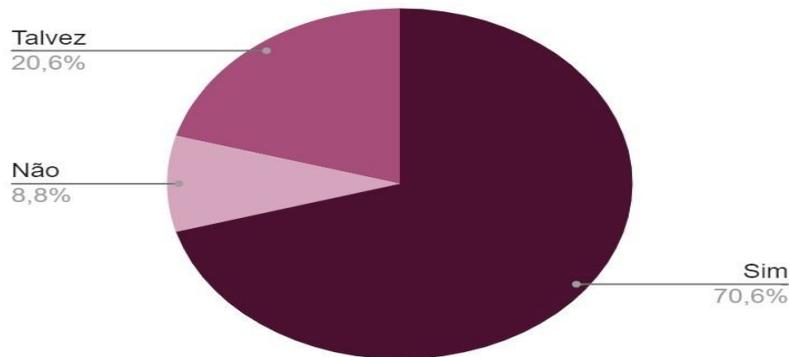
**Gráfico 13:** Você acha que todos os métodos que previnem a gravidez não planejada também combatem as IST's?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Quando foi perguntado se eles conseguiam identificar os tipos de assédio e abuso sexual nos diferentes ambientes sociais, a maioria (70,6%) respondeu que “sim”, seguido de 20,6% “talvez” e 8,8% “não” (Gráfico 14).

**Gráfico 14:** Você sabe identificar os tipos de assédio e abuso sexual nos diferentes ambientes sociais?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Os resultados da questão “Na sua visão, qual a influência da indústria pornográfica nos padrões corporais?” foram enquadrados em quatro categorias: 1. *Padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade*; 2. *Objetificação da mulher*; 3. *Resposta superficial*; 4. *Não soube responder* (Gráfico 15).

**Gráfico 15:** Na sua visão, qual a influência da indústria pornográfica nos padrões corporais?

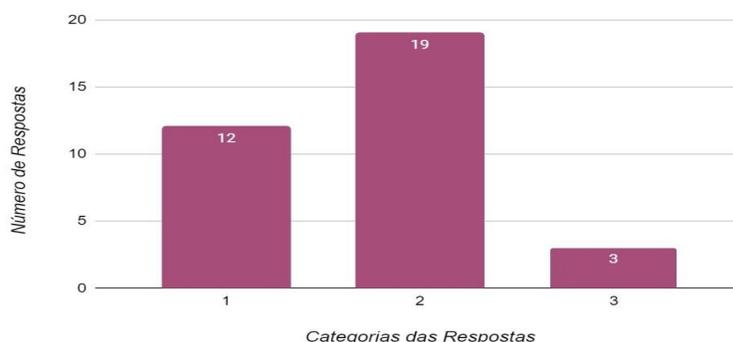


**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

O maior número de alunos (16) acreditam que a indústria pornográfica influencia nos padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade, um exemplo disso é dado na resposta: *“Impõem corpos perfeitos e dentro dos padrões, para que as pessoas ‘desejem’ ou sintam prazer em ver aquilo,mas na realidade todos sabem que existem corpos reais,formas diferentes,marcas e etc”*. Um dos alunos relacionou a influência da indústria com a objetificação da mulher, segue a resposta *“Eles dão à entender que o corpo da mulher é um objeto de prazer”*. Nove apresentaram uma resposta superficial, como no caso: *“Muito padrãozinho”*, e oito não souberam responder.

As respostas à pergunta “Na sua visão, qual a influência das mídias (TV, Facebook, Instagram, etc) nos padrões corporais?” foram divididas em três categorias: 1.Resposta superficial; 2.Padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade; 3.Não soube responder (Gráfico 16).

**Gráfico 16:** Na sua visão, qual a influência das mídias (TV, Facebook, Instagram, etc) nos padrões corporais?



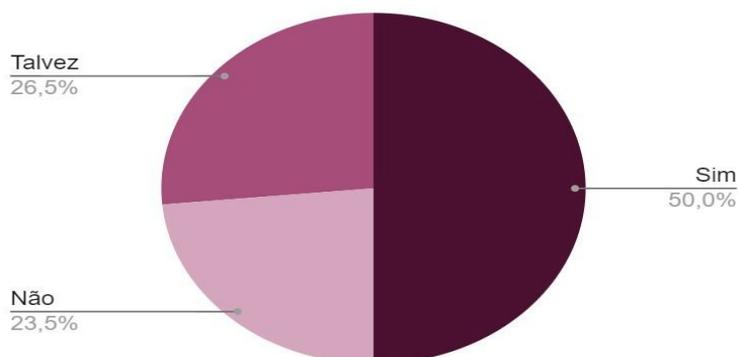
**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Assim como na pergunta anterior, a maior parte dos alunos (19) acreditam que as mídias sociais influenciam nos padrões de beleza, pressão estética e distorção da realidade, como em: *“Milhões de pessoas veem fotos de outras pessoas nas redes sociais com corpos ‘totalmente perfeitos’ e muitas pessoas se sentem muito mal em ver aquilo por achar seu corpo feio, e achar que tem que se enquadrar nos padrões de todas as formas possíveis, mesmo que saibam que na realidade ninguém é 100% perfeito”*. Doze pessoas responderam de forma superficial à pergunta, como no caso: *“Influencia*

totalmente”, e três não souberam responder.

Ao serem questionados se nas aulas de anatomia do corpo humano, eles aprenderam sobre a diversidade dos corpos, metade (50%) respondeu que “sim”, 26,5% “talvez” e 23,5% “não” (Gráfico 17).

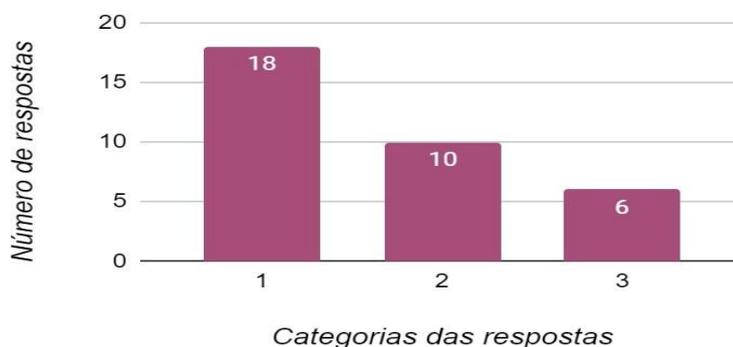
**Gráfico 17:** Em suas aulas de anatomia do corpo humano, você aprendeu sobre a diversidade dos corpos?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Os resultados da pergunta “O que você considera um relacionamento saudável com o próprio corpo?” foram agrupadas em três categorias: 1. *Autocuidado e aceitação do próprio corpo*; 2. *Amor próprio e autoestima*; 3. *Não soube responder* (Gráfico 18).

**Gráfico 18.** O que você considera um relacionamento saudável com o próprio corpo?

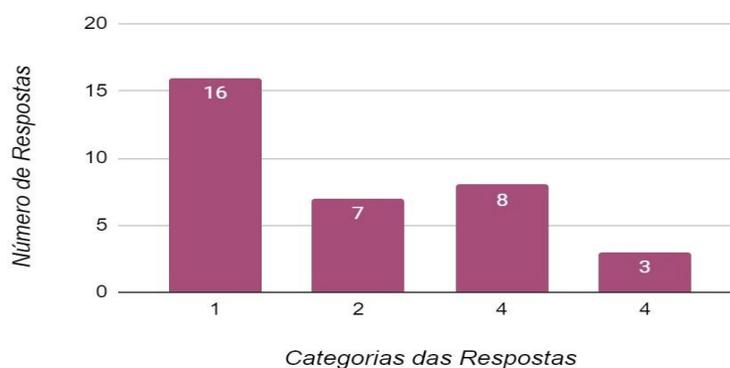


**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Grande parte dos estudantes (18), associaram o relacionamento saudável com o próprio corpo com o autocuidado e autoaceitação, um exemplo de resposta é: *“Aceitação, cuidado, vc se sentir bem e confortável, e cuidar de si próprio.”* Dez pessoas adotaram uma linha de pensamento similar, porém mais idealizada, associando o relacionamento saudável com o amor próprio e autoestima, como mostra em: *“Amar cada pedacinho de si!”* Seis alunos não souberam responder.

As respostas à pergunta “Para você, qual a importância da Educação Sexual nas escolas?” foram separadas em quatro categorias: 1. *Sexo seguro, identificação de abusos e autoconhecimento*; 2. *Busca por informação*; 3. *Resposta superficial*; 4. *Não soube responder* (Gráfico 19).

**Gráfico 19:** Para você, qual a importância da Educação Sexual nas escolas?

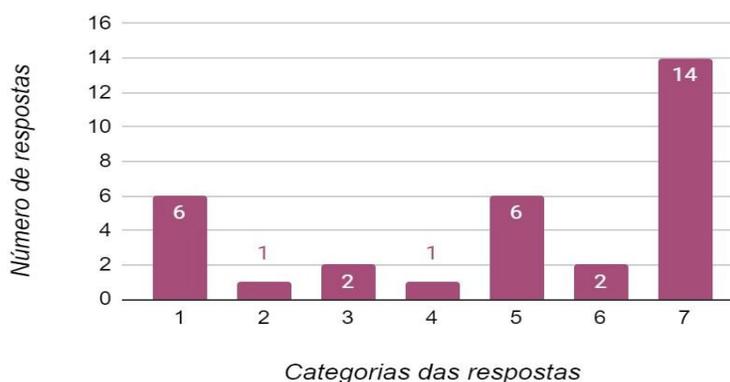


**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Um grande número de alunos (16) considera a Educação Sexual importante na prevenção de IST's e gravidez não-planejada (sexo seguro), na identificação de abusos e no autoconhecimento, segue um exemplo de resposta: *“É de extrema importância, pois ajuda a prevenir gravidez precoce, contribui para prevenção de doenças sexuais, ajuda crianças a identificar abuso sexual e denunciar.”* Sete pessoas julgam a Educação Sexual importante na busca por informação, por acreditarem que não há muito diálogo nesse sentido, como em: *“Importante: Por que algumas famílias não tem o diálogo sobre o assunto.”* Oito tiveram uma resposta superficial, como: *“Muito informativa”*, e três não souberam responder.

Por fim, os resultados da última pergunta do formulário prévio, “Sobre quais assuntos você gostaria de aprender nas nossas aulas de Educação Sexual?” foram enquadrados em sete categorias: 1.Orientação sexual e Identidade de gênero; 2.Conceito social de “virgindade”; 3.Amor próprio e autoconhecimento; 4.Indústria pornográfica e mídias sociais; 5.Prevenção contra IST’s, gravidez não-planejada e identificação de assédio; 6.Resposta que se encaixa em mais de uma categoria; 7.Não manifestou preferência (Gráfico 20).

**Gráfico 20:** Sobre quais assuntos você gostaria de aprender nas nossas aulas de Educação Sexual?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

A maioria dos alunos (14) não manifestou preferência em relação aos assuntos que gostariam de aprender nas aulas de Educação Sexual. Dentre os que manifestaram, seis gostariam de aprender sobre orientação sexual e identidade de gênero; seis também sobre prevenção contra IST’s, gravidez não-planejada e identificação de assédio; dois sobre amor próprio e autoconhecimento; um sobre a influência nos corpos da indústria pornográfica e mídias sociais; um sobre o conceito social de “virgindade”. Duas respostas se encaixaram em mais de uma categoria. Como essa última questão não era obrigatória, dois alunos não responderam.

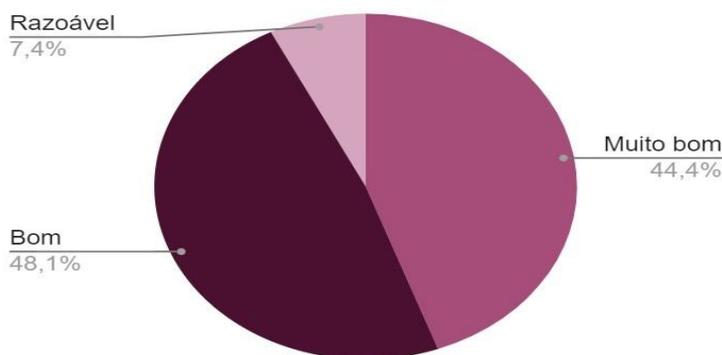
### Análise dos formulários pós-aula

No geral, os formulários aplicados após as aulas tiveram baixa adesão pelos alunos. O primeiro com quatro respostas, o segundo e o terceiro com nenhuma, o quarto com cinco e o quinto com apenas três. Em decorrência do número significativamente baixo de respostas, não foi possível estabelecer uma comparação direta entre o formulário prévio e os pós-aula. No entanto, analisando os resultados, notou-se que as respostas se direcionaram aos conteúdos abordados nas aulas.

### Análise do formulário de avaliação do material didático

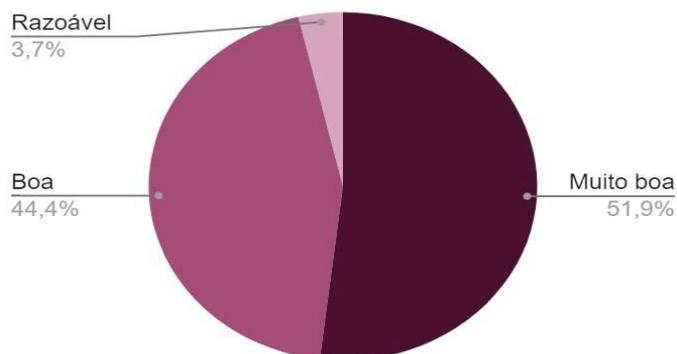
O formulário de avaliação do material didático obteve um total de 27 respostas, incluindo as das professoras de Biologia. Primeiro, em resposta ao que acharam do conteúdo teórico do material, a maioria dos alunos (48,1%) considera o material “bom”, seguindo de “muito bom” (44,4%) e “razoável” (7,4%) (Gráfico 21).

**Gráfico 21:** O que você achou do conteúdo teórico do material didático?



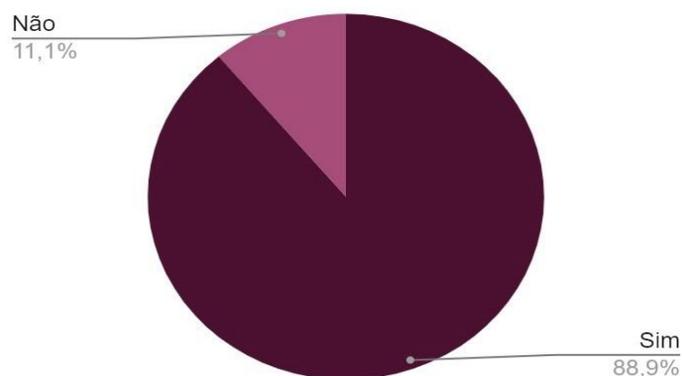
**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Em seguida, os alunos opinaram sobre a estética do material. Mais da metade (51,9%) a julgaram como “muito boa”, seguindo de “boa” (44,4%) e “razoável” (3,7%) (Gráfico 22).

**Gráfico 22:** O que você achou da aparência do material?

**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

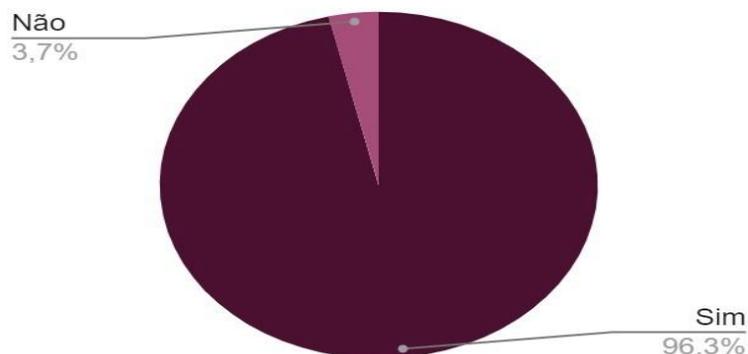
A terceira pergunta referia-se à recomendação do material a outras pessoas. Quase todos os alunos (88,9%) recomendariam o material a alguém, enquanto apenas 11,1% não recomendariam (Gráfico 23).

**Gráfico 23:** Você recomendaria o material para alguém?

**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

Quanto à utilidade do material, apenas um aluno (3,7%) não pretende utilizar o material como fonte de consulta para possíveis dúvidas. Portanto, quase todos (96,3%) possuem intenção de usar o material como fonte de conhecimento (Gráfico 24).

**Gráfico 24:** Você pretende utilizar o material como fonte de consulta para possíveis dúvidas?



**Fonte:** Elaborado por Ingrid Íris Pereira e Luana Preciso Alvarenga.

A última pergunta era uma caixa de texto aberta não obrigatória, para deixarem algum comentário ou sugestão sobre o material. No total foram cinco respostas, evidenciando a estética, o conteúdo e a criatividade do material.

## DISCUSSÃO

A partir da análise dos formulários e da participação dos alunos nas aulas, constatou-se que, no geral, eles possuem conhecimentos básicos na área da sexualidade, mas muitos se limitam somente àquilo que já é ensinado nas aulas de Biologia. Notou-se também que algumas visões são influenciadas pela sociedade heterocisnormativa e conservadora. Dentro da própria Educação Sexual existem temáticas que são mais abordadas e socialmente aceitas. Entretanto, os alunos mostraram-se abertos a novos conteúdos que vão além dos padrões já vigentes. Nesse sentido, acredita-se que o material didático, que foi bem aceito pela grande maioria dos alunos, pode ser uma excelente fonte de conhecimento na área de sexualidade.

Embora tenham sido encaminhadas as aulas gravadas e os *links* dos formulários nos grupos, possivelmente, a pouca aderência ocorreu devido ao formato *online* das aulas, à baixa frequência dos alunos e à sobrecarga de atividades do currículo comum. Mesmo assim foi possível atender as expectativas do projeto, uma vez que os poucos alunos presentes estavam

interessados e ativos, o que não inviabilizou resultados positivos.

## CONCLUSÃO

Apesar de todos os problemas decorrentes da pandemia da COVID-19 no Brasil, foi possível desenvolver o projeto, adaptando-o às demandas do momento atual. Acredita-se que o estágio contribuiu para a formação profissional e amadurecimento psicossocial das estagiárias. Em relação aos alunos, considera-se que os aprendizados agregaram em uma formação extracurricular, sendo de extrema importância para o desenvolvimento do senso crítico sobre as questões de sexualidade.

## REFERÊNCIAS

- BARR, Anne Rachel. Watching pornography rewires the brain to a more juvenile state. **The Conversation**, Carlton, 2019. Disponível em: <https://theconversation.com/watching-pornography-rewires-the-brain-to-a-more-juvenile-state-127306>. Acesso em: 13 maio 2021.
- BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. p. 13563. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 8 abr. 2021.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 27833. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 8 abr. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos Temas Transversais: Ética. Brasília, DF, 1997. 146 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2021.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: Orientação Sexual. Brasília, DF, 1998. v. 10.2. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2021.
- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 105-142.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KJYWKvFypgHjzbMtm4MvwDv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

DIAS, Juliana Rocha Adelino. O corpo e as relações sociais na vida escolar do adolescente. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., Curitiba.. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, 2013. p. 6471-6484. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8688\\_5387.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8688_5387.pdf). Acesso em: 10 ago. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227762>. Acesso em: 10 maio 2021.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 43-104.